

PARADOXOS ENTRE TAIPU DE FORA E TAIPU DE DENTRO/APA DE MARAÚ-BAHIA: Turismo e identidade local

PARADOXES BETWEEN TAIPU DE FORA AND TAIPU DE DENTRO/APA OF MARAÚ-BAHIA: Tourism and local identity

Ivan Rêgo Aragão¹
Beijanine Ferreira Abadia²
Khalla Tupinambá³

Resumo: O presente trabalho tem como objeto de estudo duas localidades geograficamente próximas, mas díspares em suas realidades: Taipu de Fora e de Dentro, ambas na Bahia. O objetivo foi o de realizar um estudo comparativo sobre a ocupação do espaço pelo turismo, e seus reflexos na identidade dos dois povoados. Foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória, primeiramente através de pesquisa bibliográfica, seguida de observação *in loco* e entrevistas abertas e semiestruturadas. Ainda em campo, e após a visita, buscou-se relacionar os conceitos de 'alma do lugar', memória, sentimento de pertença e patrimônio imaterial. A análise dos resultados foi realizada relacionando-se os relatos coletados na pesquisa exploratória, com a observação direta, buscando-se as aproximações e as diferenças na relação entre turismo, espaço e identidade. Dessa forma, a relevância deste estudo se dá ao estimular a reflexão acerca das contradições proporcionadas pela atividade turística.

Palavras-chave: Turismo; Turistificação; Identidade; Taipu de Fora/Ba; Taipu de Dentro/Ba/Brasil

Abstract: This paper relates two locations that are geographically close, but dissimilar in their realities: Taipu de Fora and Taipu de Dentro in Bahia/Brazil. Our main objective is to develop a comparative study about space occupation by tourism and its incidence on the local identity of both villages mentioned above. First of all we did a qualitative exploratory research, using bibliographic data and on-site observation with open and semi-structured interviews. Still on field, and after the visit, we tried to relate the concepts of "soul of the place", memory, belonging feeling and intangible heritage. The results analysis was based on the reports collected during the exploratory research, and the direct observation, looking for approaches and differences on the relationship between tourism, space and identity. Thus, the study relevance is given to stimulate thoughts about the tourist activity contradictions.

Keywords: Tourism; Touristification; Identity; Taipu de Fora/Ba; Taipu de Dentro/Ba/Brazil

¹ **Ivan Rêgo Aragão** – Possui graduação em Turismo pela Estácio/Faculdade de Sergipe - FaSe, com ênfase em cultura, patrimônio, identidade, turismo cultural e religioso. É mestrando no Programa de Cultura e Turismo a Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus/BA, com bolsa da CAPES. Nessa mesma instituição, é membro do Grupo de Estudos sobre história, memória e representações culturais: suportes para o turismo cultural, com linha de pesquisa em história, espaços urbanos e identidade. E-mail: <ivan_culturaeturismo@gmail.com>.

² **Beijanine Ferreira Abadia** – Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. É pós-graduada em Ciências da Educação (FACCEBA-BA) e Ciências sociais: História e Geografia do Brasil (FIA). É mestranda em Cultura e Turismo pela UESC-Ilhéus/BA. Professora de Geografia e Sociedade e Cultura. E-mail: <beijanine@yahoo.com.br>

³ **Khalla Tupinambá** – Possui graduação em Turismo pela Universidade Federal do Pará. É mestranda em Cultura e Turismo pela UESC-Ilhéus/BA. E-mail: <khallatr@hotmail.com>

INTRODUÇÃO

O turismo tem sido apresentado como uma atividade multidisciplinar, cuja análise sociocultural é marcada pela complexidade. No decorrer das décadas de 1960 e 1970, os especialistas pensavam o turismo como um fenômeno com grande efeito na atividade econômica, por geradora de emprego e renda para a localidade. Nesse enfoque, o turismo era visto como solução para os problemas locais, muito embora tivesse como único objetivo o lucro, desconhecendo os atores sociais envolvidos na atividade e sem ter em vista a capacidade de carga local. Ao buscar por cada vez mais, um maior número de consumidores, acarretou uma série de impactos sócio-culturais e ambientais. Passado 50 anos, o discurso sobre a atividade passou a primar pelo desenvolvimento sustentável, em nome de um menor desgaste do meio ambiente e dos recursos naturais, bem como do fortalecimento da identidade e cultura local.

Sob esta perspectiva, a sustentabilidade turística passou a ter como premissas a valorização e preservação do patrimônio ambiental e cultural, dando prioridade para inclusão da população local no processo do planejamento e gestão da atividade, ou seja, dando maior relevância ao turismo no que tange ao olhar e experiência do morador. O turista continua como figura fundamental para que o sistema exista, mas pensar na comunidade que recebe o visitante é também essencial para um funcionamento equânime da atividade. Atualmente, a academia e alguns estudiosos estão pensando o turismo na concepção antropológica, priorizando o respeito a singularidades locais, principalmente em povoados com modo de vida simples e comunidades com culturas tradicionais. (BANDUCCI JÚNIOR e BARRETTO, 2001).

Esse trabalho tem como objeto de estudo duas localidades próximas geograficamente, mas díspares em suas realidades, ambas na Bahia. Taipu de Fora e Taipu de Dentro localizam-se na zona turística da Costa do Dendê, na Bahia, mais especificamente na Área de Proteção Ambiental (APA) da

Península de Maraú (ver. Fig.1), circunscrita nos limites da Baía de Camamu, criada pela Lei nº 15/1997. Segundo o IBAMA (1997), a relevância das APA's, consiste em disciplinar o processo de ocupação das terras, de modo assegurar o bem estar das populações humanas que nelas vivem, além de resguardar e incrementar as condições ecológicas locais, mantendo paisagens e atributos locais. Contudo, entre os residentes entrevistados no povoado não houve nenhum relato mencionando atividades sócio-ambientais que sensibilizassem a população local para a questão de se encontrarem em uma Unidade de Conservação Ambiental, bem como não foi observada nenhuma sinalização ambiental governamental que demarcasse espacialmente essa questão, salvo as placas de divulgação dos equipamentos de hospedagem.

Na primeira localidade, situada em frente ao mar e voltada para 'os de fora'⁴, é notória a turistificação, com a presença de equipamentos de entretenimento e lazer, meios de hospedagem e restauração alimentar, direcionados especificamente para atender às necessidades do visitante. A segunda, localizada a oito quilômetros de Taipu de Fora, fica fronteira a Baía de Camamu, onde a realidade dos 'de dentro' está baseada nos saberes dos locais, sendo um lugar sem estrutura turística, mas que conserva os hábitos e costumes da comunidade. A realidade das duas localidades são contrárias, mas não se chocam, visto que o turismo também promove esse movimento dialético.

Dessa forma, a relevância deste estudo se dá ao estimular a reflexão acerca das contradições proporcionadas pela atividade turística, pois em Taipu de Fora a comunidade é incipiente, enquanto agente ocupador do espaço, deixando o local sem características identitárias singulares. Todavia, são os comunitários de Taipu de Dentro os fornecedores da mão-de-obra local, em um movimento pendular, no qual a população se desloca diuturnamente para trabalhar em empregos gerados indireta e indiretamente

⁴ Nas categorias desse estudo foram definidos "os de fora" como sendo o visitante e "os de dentro", ligados a pessoas do lugar.

pela cadeia produtiva do turismo⁵ de Taipu de Fora. Sendo assim, nota-se que em Taipu de Fora há um ambiente turistificado, mas não há comunidade local; em contrapartida, em Taipu de Dentro há uma comunidade com patrimônio cultural e histórico bem definido. Entretanto, no segundo povoado, embora o turismo não seja uma das principais atividades econômicas, o mesmo faz parte do cotidiano local de forma indireta, ou seja, ainda que as denominações das localidades sejam quase idênticas, as realidades identitárias, patrimoniais e de ocupação do espaço são extremamente distintas em virtude do nível diferenciado de ação dentro da atividade turística.



Figura 1: Imagem de satélite da Península de Marau

Fonte: www.peninsulademarau.com, adaptado pelos autores.

Esse trabalho teve como objetivo realizar um estudo comparativo sobre a ocupação do espaço pelo turismo e seus reflexos na incidência identitária local em Taipu de Dentro e de Fora. Primeiramente, foi realizado um levantamento dos dados secundários em livros, artigos, internet e documentos oficiais;

⁵ Expressão referente aos setores que estão diretamente envolvidos com o turismo: hotelaria, restauração, transporte, entretenimento e lazer.

no campo teórico destacaram-se os conceitos de segmento de turismo de sol e praia; territorialização, com o turismo ditando o ordenamento do território em torno do patrimônio natural; não-lugar, na ausência da identidade local e de envolvimento da atividade turística com o patrimônio imaterial. Ainda em campo, e após a visita, buscou-se relacionar com o estudo, os conceitos de 'alma do lugar', conforme Yazigi, memória e sentimento de pertença, e patrimônio imaterial para caracterizar a festa de São Pedro, o manzuá, as narrativas locais, e a gastronomia.

Foi realizada uma observação *in loco*, por meio da pesquisa exploratória qualitativa nos povoados de Taipu de Fora e de Dentro, sendo aplicadas entrevistas abertas e semiestruturadas. Em Taipu de Fora as entrevistas foram procedidas com o assessor da secretária de Turismo, Tony Peppe, com proprietários dos estabelecimentos turísticos locais (pousadas, restaurantes, bares, loja de *souvenirs*, equipamentos de mergulho e transportes turísticos - *off Road*), bem como com os prestadores de serviços (garçom, atendente de loja, entre outros). Em Taipu de Dentro também foram procedidas entrevistas abertas e semiestruturadas com três moradores significativos do povoado. A análise dos resultados buscou as semelhanças e diferenças da relação entre turismo, espaço e identidade, nas duas localidades.

TAIPU DE FORA: LUGAR COM TURISMO OU TURISMO SEM LUGAR?

O povoado Taipu de Fora surgiu há a aproximadamente vinte anos, por ocasião da construção das primeiras casas de veraneio (segundas residências) e pousadas, quando cresceu a demanda para o povoado de Barra Grande, distante 15km ao norte. Trata-se de uma enseada com aproximadamente 6 km, com beleza cênica formada por coqueirais e mar calmo, possuindo recifes de coral em parte da sua costa. Segundo informações locais, ao contrário de outras áreas de praias modificadas pela função turística, a ocupação da área da praia de Taipu de Fora não se processou com a expropriação de moradores e/ou pescadores, pois se tratava de uma área

composta por fazendas produtoras de coco, não existindo casas ou moradias ao longo da zona costeira.

A paisagem de Taipu de Fora é basicamente formada em função dos interesses econômicos e, aos poucos, está se tornando uma paisagem turistificada, com cenários construídos voltados para as necessidades exógenas e ausência identitária. A principal característica do lugar é a identidade que o homem cria com ele. No turismo, a construção de paisagens ou simulacros se dá na recriação dos lugares ou, segundo Santos (2005), como lugares de passagem. Ainda, segundo o autor, é no espaço que as relações sociais interagem e acontecem de forma positiva, ou seja, o lugar é o “espaço do acontecer solidário” (SANTOS, 2005, p. 253), onde as solidariedades acabam formando os valores das sociedades tais como a cultura e economia, dentre outros. Portanto a recriação dos lugares provoca a perda da identificação com os mesmos, deixando o sentimento de pertencimento ameaçado. Segundo Carlos (2002), a indústria do turismo transformaria tudo o que toca em artificial, criando um mundo fictício e ilusório, mistificado de lazer, onde o espaço se transforma em local de espetáculo, concomitante a ideia de não-lugar:

Assim o não-lugar não é a simples negação do lugar, mas uma outra coisa, produto de relações outras; diferencia-se do lugar pelo seu processo de constituição, é nesse caso produto da indústria turística que com sua atividade produz simulacros ou constroem lugares através da não identidade, mas não pára por aí, pois também se produz comportamentos e modos de apropriação desses lugares. (CARLOS, 2002, p.29)

Taipu de Fora é um território de uso exclusivamente turístico. Segundo Coriolano (2005), os territórios turísticos são produtos da relação de força e poder que se estabelecem de forma contraditória e articulada, criando regiões e lugares diferenciados; dentre esses espaços, os mais procurados continuam sendo os litorais, para o desenvolvimento do

turismo sol e praia, sendo a natureza um dos maiores atrativos dos fluxos turísticos e os componentes naturais, como o relevo, o clima, a vegetação e as águas (mar, rios e lagoas). Nessa localidade, a população não participa do processo como integrante e/ou usuária, apenas como fornecedora de mão-de-obra ou observante, pois não existe espaço para interação, visto que se trata de uma área onde os consumidores são das classes A e B, de alto poder aquisitivo, confirmado pelos valores cobrados nos serviços hoteleiros e de restaurantes, além das estruturas das segundas residências construídas no local.

De acordo com Silva (2004), as segundas residências surgem por volta da década de 1970. Com o passar do tempo, o crescimento desorganizado das localidades litorâneas começou a mostrar os seus aspectos negativos, no que tange a degradação do ambiente costeiro. Como consequência, interfere e modifica também as condições de vida da população local. Um exemplo é o modo de sobrevivência dos moradores de Taipu de Dentro, que antes praticavam exclusivamente o extrativismo de mariscos e a pesca; com a urbanização turística, foram sendo absorvidos em Taipu de Fora por outras atividades e passaram a atuar como garçons, atendentes em lojas, caseiros e empregados domésticos das residências secundárias.

De acordo com Cruz (2000 e 2003), a turistificação se dá a partir da implantação da infraestrutura, dos equipamentos e dos serviços de turismo, da demanda de turistas e da participação da comunidade, formando espaços destinados a função turística. O mesmo autor considera três agentes no processo de turistificação: os turistas, o mercado e os planejadores e promotores territoriais. Nesse processo, diversos lugares foram e ainda são inventados como lugares turísticos em função da prática espontânea de certos turistas, ou seja, sem a mediação direta do mercado. Nesses casos, são esses visitantes pioneiros que estão na base da transformação de determinado local em lugar turístico. Nos territórios receptores de turistas multiplicam-se as infraestruturas relativas à hospedagem, “que podem ser desde pousadas rústicas até hotéis de padrão

internacional, ou ainda loteamentos e condomínios de segunda residência [...] nesse raciocínio não se pode duvidar da capacidade que tem o turismo de mudar os lugares para que ele possa acontecer”. (CRUZ, 2003, p. 25). No povoado de Taipu de Fora, o que se observa é a grande incidência de loteamentos e casas de bom padrão, atendendo a um público de alto poder aquisitivo, o que pode ser confirmado observando a chamadas publicitárias das imobiliárias na localidade.

A questão ambiental é um elo de preocupação, por se tratar de uma área de proteção ambiental, onde o consumo turístico interfere sobremaneira no desmatamento, na ocupação das áreas de praias, dunas e restingas para a construção de moradias e de vias de acesso, além das estruturas hoteleiras, que acabam interferindo no ambiente. A grande atração local é a formação coralígena, localizada junto à praia, que atrai considerável número de turistas, mas a frequência de mergulhadores pode comprometer a formação desse ecossistema de extrema fragilidade. Nos locais de aluguel de equipamentos de mergulho, existem placas de sensibilização para a necessidade de preservação e os cuidados para com o ecossistema, mas não é estipulado um número máximo de mergulhadores, e segundo informação local, por vezes são vistos turistas e os próprios pescadores pisando nos corais.

A infraestrutura local carece de investimentos públicos, pois a localidade não recebe água tratada, que é fornecida por poços artesianos; não há, também, serviço de esgoto, utilizando-se fossas sépticas. A energia é fornecida pela Coelba - Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia, mas não atende a demanda dos períodos de alta estação, com queda constante no fornecimento de energia. O serviço de comunicação é precário, o uso de telefonia móvel somente se dá no sistema rural, com antena satélite. O custo de instalação inviabiliza a implantação de serviço de telefone fixo, segundo informações de proprietário local. No que tange aos serviços de transporte, se observou a precariedade tanto em termos de horários, quanto de vias de acesso, sem pavimentação e iluminação. A

associação de moradores não se encontra em atividade há algum tempo, e é representada por empresários e moradores que se fixaram no local, vindos de diversas regiões do Brasil, principalmente do centro-sul.

TAIPU DE DENTRO: A VIDA SIMPLES COMO PATRIMÔNIO

Dentre os povoados da península de Maraú, na Bahia, Taipu de Dentro é um dos mais antigos, conforme o senhor Roseval Brito, 70 anos, um dos residentes mais velhos da região: “Meu avô me contava que nossa família se mudou pra cá na época que o avô dele ainda era vivo”⁶. Conforme observado no Inventário Turístico de Maraú (2008), Taipu de Dentro possui uma infraestrutura local simplificada, contando apenas com um posto de saúde, rede de comunicação pública, energia elétrica, uma escola de ensino fundamental, coleta de lixo regular, cinco estabelecimentos que disponibilizam atendimento de bar e restaurante e um estabelecimento que funciona como mercado e panificadora de médio porte. Contudo, a presença de uma rede de serviços simplória não se configura em um empecilho perceptível, pois o ar acolhedor da comunidade, intrínseco na paisagem, bem como na população local, se faz presente.

Esse acolhimento ficou perceptível ao realizar-se uma pausa para o almoço no bar e restaurante do senhor Elinaldo, com uma culinária simples, mas que guarda o sabor da gastronomia local, pois os peixes e mariscos são preparados por pessoas da região. Localizado estrategicamente em frente à Baía de Camamu, que transparecia um ‘ar de beira rio’, com bancos e mesas de madeira, tendo ao fundo a brisa das árvores frutíferas locais. Foi nesse contexto, que nossa equipe percebeu que esse ‘ar de vilarejo’ transmite para os visitantes a sensação de deixar a agitação da cidade para trás, o clima brejeiro convidando a ficar um pouco mais. Nesse ritmo, se observou que a população local

⁶ Roseval Brito: entrevista concedida aos alunos da disciplina de Patrimônio, Políticas Patrimoniais e Turísticas do Mestrado de Cultura e Turismo, em Taipu de Dentro, set.2010.

mantém uma relação intensa de laços sociais com o lugar, como se cada espaço guardasse em si uma memória e vivência, que demarca o ar de vilarejo de todo pequeno povoado. Como observou Polack (1992, p. 5), “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

Em Taipu de Dentro, a paisagem local é constituída por uma arquitetura simples, com vias de acesso de terra batida, casas próximas e sem muros, em que todos os caminhos se iniciam na praça da igreja matriz e terminam nos bares localizados em frente à Baía de Camamú. Dessa forma, ao entrevistar a população local na praça da igreja matriz, se pode observar a intercessão das relações sociais mais relevantes do lugar, demarcadas pela reunião e confraternização de diversos grupos sociais, diferentes entre si, como pescadores aposentados, casais de namorados, jovens após sair da escola, entre outros. Contudo, tendo em comum às mesmas representações simbólicas do lugar, as quais os qualificam como comunidade, “na estrutura comunitária, todos acreditam nos mesmos mitos e praticam os mesmos cultos [...], porém existem conflitos e paixões, mas esses conflitos se desenrolam num universo comum.” (DURHAM, 2004, p. 223).

É neste cenário, descrito em Taipu de Dentro com seu ar de vilarejo, norteado por pessoas com fortes laços sociais, traduzidos nas paisagens locais, que se pode abordar Yázigi (2001) ao dissertar sobre a alma do lugar. Este termo é empregado para reconhecer o ambiente como uma arrumação que produz o singular, contudo não é possível compreendê-lo sem levar em consideração que possui uma personalidade, ou seja, o lugar não é um sujeito. Assim, para entendê-lo, se faz necessária a reflexão de sua vida cotidiana, bem como do olhar do turista sobre ele, logo sua essência pode ser alcançada quando “um cidadão vive seu lugar ou quando um viajante se detém nele para considerar aquilo que gostaria de ‘levar consigo’.” (JUNG apud YÁZIGI, 2001, p. 41). Desse modo, se pode

afirmar que a comunidade de Taipu de Dentro possui uma potencialidade latente para turismo cultural, visto que nela não existem atrativos de sol e praia significativos, como em Taipu de Fora, todavia o seu maior atrativo é a configuração do espaço norteado pelo sentimento de pertença e identidade local.

Para Souza (2003, p. 1), “a identidade cultural é vista como uma forma de identidade coletiva característica de um grupo social que partilha as mesmas atitudes e, está apoiada num passado com um ideal coletivo projetado”. Ela se fixa como uma construção social estabelecida e faz os indivíduos se sentirem mais próximos e semelhantes. Neste sentido, Yázigi (2002) afirma estar no patrimônio ambiental com “ar de cidade interiorana”, o maior atrativo turístico local a ser preservado. Uma nova vertente tem pensado na atividade turística como promotora dos saberes locais, firmados na cultura popular e na singularidade dos residentes. Resgatando e valorizando o meio ambiente e a cultura das pessoas inseridas em uma região.

PARADOXOS ENTRE TAIPOS DE FORA E DE DENTRO

Um dos aspectos mais interessantes no paradoxo entre Taipu de Dentro e de Fora, consiste no fato que no primeiro ocorre a atividade turística, mas não há vestígios da comunidade local. Em contrapartida, no segundo há a população local, todavia a atividade turística é incipiente ou quase que inexistente. Essa peculiaridade torna este estudo de caso extremamente relevante para levantar reflexões sobre turismo e sustentabilidade.

Assim, embora Taipu de Fora tenha sido constituída em torno da especulação turística, gerando um espaço categorizado por Carlos (2002) como um NÃO-LUGAR, em virtude da turistificação do ambiente, a localidade movimenta e economia da região, pois gera emprego e renda para a população de Taipu de Dentro, mas não permite a interação da comunidade com os visitantes. Significa dizer tratar-se de uma localidade sem sentimento de pertença com a região, que vai desde os produtos artesanais (na maioria, trazidos ou

feitos em outras localidades), ou mesmo nas manifestações culturais, não existindo alguma manifestação que faça referência à localidade. Para outros autores, a própria perspectiva de Taipu de Fora como espaço turístico pode ser refutada, pois de acordo com Dias (2003), segundo as perspectivas sustentáveis, o espaço turístico deve ser considerado como um todo, que integra atributos culturais e ambientais, ou seja, ecossistemas, manifestações culturais, pessoas, serviços, equipamentos e diversos tipos de relações que se estabelecem para manter o fluxo turístico.

Avila (2009, p. 31) reflete que o turismo “não pode deixar de buscar a sustentabilidade, já que seu sucesso depende fundamentalmente das qualidades ambiental, cultural e humana”. Neste sentido, se pode considerar que o destino dos investimentos não deve concentrar-se exclusivamente na construção de infraestrutura e equipamentos para o turismo e, sim, canalizá-los para manter a sinergia entre turismo, população local, patrimônio ambiental e cultural, num processo em que todos os agentes participantes sejam incluídos no processo, ou seja, o *trade* turístico, a população autóctone e os visitantes.

Desse modo, se observa que a incidência da atividade turística está presente em Taipu de Fora, em contrapartida em Taipu de Dentro, havendo a quase inexistência do turismo, em virtude do desenvolvimento da atividade com um total descomprometimento com o planejamento. E sobre esse tema, Dias (2003, p. 37) afirma que “o turismo é um consumidor intensivo de território e, portanto, deve-se planejar seu desenvolvimento numa ótica que aponte claramente quais objetivos econômicos se deseja alcançar, quais espaços devem ser protegidos e qual a identidade que será adquirida ou fortalecida”. Sem planejar a atividade a médio e longo prazo, a mesma acaba se configurando em uma atividade desordenada.

A exemplo da mão-de-obra para atender os turistas em Taipu de Fora, que de um modo geral emprega a população de Taipu de Dentro, esses não são visíveis aos turistas durante o atendimento. Os turistas têm sua

atenção direcionada para o patrimônio ambiental de Taipu de Fora, através do mergulho para contemplar os corais e desfrutar de seu extenso litoral de praias a sombra de barracas e restaurantes de luxo. Neste sentido, Ferrara (2002), afirma que esse tipo de turismo favorece a metonímia, na pose fotográfica, com visibilidade demonstrativa aparentemente autêntica, em que a parte vale pelo todo, sendo suficiente para despertar sonhos e lembranças, logo o deslocamento tornou-se um espaço virtual colocando o turismo como um dos equacionamentos mais dinâmicos de uma cultura mundificada.

Sendo assim, tendo em vista o relato de três comunitários representativos em Taipu de Dentro como o senhor Rosevando Brito (um dos residentes mais antigos do local), Josafá (o artesão da comunidade) e ainda de Elinaldo (proprietário do bar e restaurante mais freqüentado na comunidade), pode-se pressupor que a comunidade gostaria que a atividade turística participasse do cotidiano local, com a intenção de ter sua identidade e cultura reconhecida pelos turistas. Dentro deste contexto, Meneses (2002, p. 99) questiona: “Como pode o turismo introduzir ao universo, a noção de complementaridade?”, ou seja, se pressupõem que a comunidade de Taipu de Dentro tem no turismo um meio para transmitir a inteligibilidade de sua alteridade e características identitárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, as entrevistas realizadas verificaram que o potencial turístico dessas localidades deve ser melhor aproveitado, visando que o incentivo ao turismo seja uma alternativa de desenvolvimento social, econômico, ambiental e cultural. Neste sentido, ficou perceptível que o uso dos espaços nos dois povoados estudados é dicotômico. Se em Taipu de Fora existe uma adequação do local voltada para a demanda turística, em Taipu de Dentro o que se verificou foi uma realidade voltada para o cotidiano dos nativos. Através dos hábitos e costumes que dão identidade e mantêm o sentimento de pertença da população local.

Assim, considera-se que Taipu de Fora e Taipu de Dentro coexistem em uma relação de interdependência do ponto de vista sócio-econômico, pois Taipu de Fora precisa da população de Taipu de Dentro para atuar enquanto mão-de-obra barata e viável, em decorrência da proximidade geográfica. Concomitantemente, a população de Taipu de Dentro tem em Taipu de Fora um das principais atividades econômicas de complemento da renda familiar. Entretanto, paralelamente a esta relação de interdependência entre ambas as localidades, há uma disparidade cultural entre ambas, já que a ausência de uma cultura local de modo mais latente em Taipu de Fora deixa a localidade passível de uma cultura hegemônica voltada para norte cultural exógeno, com a finalidade de atender os turistas dentro dos padrões internacionais.

Em Taipu de Dentro, os moradores reconhecem os benefícios que podem ser gerados pela atividade turística, bem como, o pouco interesse das autoridades no processo de criação de mecanismos de fomento ao turismo local. Entretanto, o certo isolamento do povoado de Taipu de Dentro em decorrência de ter suas vias de acesso em condições precárias, se consubstancia uma barreira que resguarda o patrimônio cultural da comunidade em relação ao turismo desordenado que vem sendo praticado em Taipu de Fora. Contudo, se pode concluir que a atividade turística operada nessa parte da Península de Maraú sem uma perspectiva de sustentabilidade, em que a configuração do espaço foi constituída para atender as necessidades de turistas de nível A e B, oriundos em grande parte do exterior, os quais não têm contato com as singularidades culturais desta região da Costa do Dendê. Nesta acepção, eles levam consigo apenas as perspectivas ambientais do patrimônio local, os corais e praias, ficando alienados para o patrimônio cultural, e de, algumas características identitárias da Bahia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVILA, Marco Aurélio. Política e planejamento em cultura e turismo: reflexões, conceitos e sustentabilidade. In:

AVILA, M. A. (org.). **Política e Planejamento em cultura e turismo**. Ilhéus: editus, 2009.

BAHIA, **Lei Municipal Nº 15 de 09 de setembro de 1997**. Cria a Área de Proteção Ambiental de Maraú e dá outras providencias, 1997.

_____, **Inventário Turístico de Maraú**. (Material cedido pela Secretaria de Turismo de Maraú), 2008.

BANDUCCI Júnior, Álvaro; BARRETO, Margarita. (Orgs.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2001.

BONFIM. Natanael Reis. Patrimônio e Turismo e Planejamento: formatação de produtos. In: CAMARGO, Patrícia; CRUZ, Gustavo da. **Turismo Cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências**. Ilhéus: Editus, 2009.

CARLOS, Ana Alessandri C. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A. (Orgs.). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

CORIOLOANO, Luzia Neide M T. **Turismo e Geografia: Abordagens críticas**. Fortaleza: UECE, 2005

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

DURHAM, Eunice R. **A Dinâmica da Cultura**. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

FARIA, Dóris S. de. **Sensibilidade ecológica no turismo**. Brasília: UnB, 2001

FERRARA, Lucrécia. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.;

- CRUZ, Rita de Cássia A. (Orgs.). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura.** São Paulo: Hucitec, 2002.
- LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César (Orgs.). **Turismo: Teoria e prática.** São Paulo: Atlas, 2000.
- MARCELINO, Ana Maria Teixeira. O Turismo e sua Influência na Ocupação do Espaço Litorâneo. In: RODRIGUES, Adyr A. (Org.). **Turismo e Geografia: Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Os “Usos Culturais” da Cultura: Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A. (Orgs.). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- POLACK, Michel. Memória e Identidade Social. In: **Revista dos Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, vol. 5, nº 10, 1992.
- SANTOS, Milton. **O retorno do território.** In: Observatório Social de América Latina. Ano 6 n. 16, 2005.
- SILVA, Maria da Glória L. **Cidades Turísticas.** São Paulo, 2004.
- SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Atração global, estratégias locais e turismo. In: CORIOLANO, Luiza Neide M. Teixeira. **Turismo com ética.** Fortaleza: UECE, 19
- SOUZA, M. V. de. Globalização e revalorização da identidade cultural. In: **Encontro Internacional Construindo a Identidade Latino-Americana.** Porto Alegre: PUCRS, 2003.
- YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas,** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Turismo)
- _____. Vandalismo, paisagem e turismo no Brasil. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A. (Orgs.). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.